

Lehmann

João Vasco Paiva Lei do Solo

24.03.2025

31.05.2025

PT

ES

EN

Lehmann

João Vasco Paiva *Lei do Solo*

29.03.2025

31.05.2025

[PT]

A Lehmann tem o prazer de apresentar *Lei do Solo* a segunda exposição individual do artista João Vasco Paiva (1979, Coimbra, Portugal) na galeria.

O texto original de Ricardo Escarduca, que acompanha a exposição, pode ajudar a compreender, em primeiro lugar e acima de tudo, a forma de trabalhar de João Vasco Paiva e como este questiona a natureza e a matéria com que opera. Propõe uma aproximação à sua obra através do conceito de “subtração”, que significa tanto retirar algo para evitar o óbvio (“notoriedade semiótica”) como explorar o desconhecido (“auscultar” o potencial da matéria), unindo estes sentidos numa forma única de se conectar com o mundo, que o aproxima e o afasta simultaneamente, deixando sempre algo por descobrir.

Escarduca refere, a propósito de *Lei do Solo* que o artista se centra em “instrumentos” — desde objetos naturais simples até criações humanas complexas —, onde a subtração é criação ao abrir novos caminhos, a partir do que está oculto. Acrescenta que o trabalho de João Vasco Paiva questiona a fronteira entre o natural e o artificial, recordando-nos a existência de uma “segunda natureza”, evocada pelo poeta romano Lucrécio. Segundo Lucrécio, com a agricultura surgiram gestos como arar e semear, que se tornaram tão enraizados que parecem tão naturais quanto a natureza original e inata do ser humano, levantando um paradoxo sobre a pureza e a existência de uma natureza primigênia.

Como paradigma de tudo o que foi dito, Escarduca conduz-nos à exposição *Lei do Solo* de João Vasco Paiva, na qual, utilizando técnicas como a hidrodinâmica e a aerodinâmica, o artista transforma manuais — de ferramentas agrícolas, urbanas ou antissísmicas — em esculturas, aguarelas e peças que transitam do simples ao complexo, demonstrando que criar é pensar problemas, não oferecer respostas, e é exatamente aí que reside a essência da sua arte.

O duplo sentido da noção de subtracção propicia uma via de acesso ao corpo de trabalho de João Vasco Paiva.

Por um lado, subtrair é um tirar que recorta, e informa um modo de fazer que dispensa a notoriedade semiótica consignada à actualidade em que os referentes vigoram no sendo o que já são. Por outro lado, subtrair é um tirar que ausculta, e expressa um modo de compreender que sonda o potencial significativo salvaguardado na inactualidade em que os referentes manifestam o sendo que ainda não são.

Importa notar que, por admitir as duas proposições, a subtracção não é antinómica, na medida em que é conjuntiva, e não disjuntiva. Isto é, a subtracção patenteia a singularidade de um modo de ser-com de João Vasco Paiva enquanto centro difusor de relações mútuas que tanto se faz pertencer, e nunca se dá em isolamento, quanto se faz distanciar, e sempre se reserva em possibilidade.

Se o corpo de trabalho de João Vasco Paiva é convocado em aproximação à exposição *Lei do Solo*, é-o na razão do interesse persistente, dobrado segundo o contínuo das variações que o constituem, pela categoria de coisas designadas por instrumento sobre que se debruça enquanto referente. Um entendimento do instrumento abrange a rudimentaridade do que existe e a sofisticação do que é fabricado.

A extensão do intervalo implica que o instrumento não o é em si; ao ser-instrumento pertence o algo-para-algo, o ser-para da serventia e da aplicabilidade, em que algo vem à mão e se doa ao uso. Perante a simples pedra ou complexa máquina, em João Vasco Paiva, toda a subtracção que tira é criação, por se escusar ao imediato e habitual da doação e, desde o escuso e anormal da fundação aí contida, se enviar a um inexplorado por decifrar.

Por sua vez, toda a criação é situação, por situar-se em pleno problema. De outro modo, criar é questionar o questionado, que pensa um a-se-pensar. Em João Vasco Paiva, a ténue fronteira, a colossal cisão, das relações entre o natural e o artificial, entre natureza e tecnologia, entre natureza e cultura. Em certo momento, o ser-humano ergueu uma cerca que protegeu o acesso a uma caverna. Não será descuidado inscrever este acontecimento na esfera inaugural de interferências sobre o meio de que é parte.

O paradoxo irresolúvel é bem demonstrado: a acção tanto procede do instinto natural quanto antecede o complexo artificial. Se não antes e outro quem, terá sido Lucrecio a aí situar-se, no problema, quando, em *De rerum natura* (*Da natureza das coisas*), enuncia a *alteram naturam*, uma segunda natureza, consistente com a intervenção deliberada no solo por meio das técnicas da agricultura – arar, semear, irrigar, colher –, e, por este enunciar de uma segunda natureza, implicar o dizer de uma primeira natureza, bruta e imaculada.

Aqui, o problema intensifica-se irremediavelmente, em encruzilhada indissociável. O mero dizer revoga a condição de pureza? Porém, se não dita, e menos acedida, sequer existe, e é? Embora breve, o perfil duplo desta especulação procura salientar que todo o saber – todos os sistemas codificados e regulados por leis que organizam, como o é a linguística, em que a palavra participa enquanto instrumento – contém fissuras de instabilidade e, aí, reservas de generosidade.

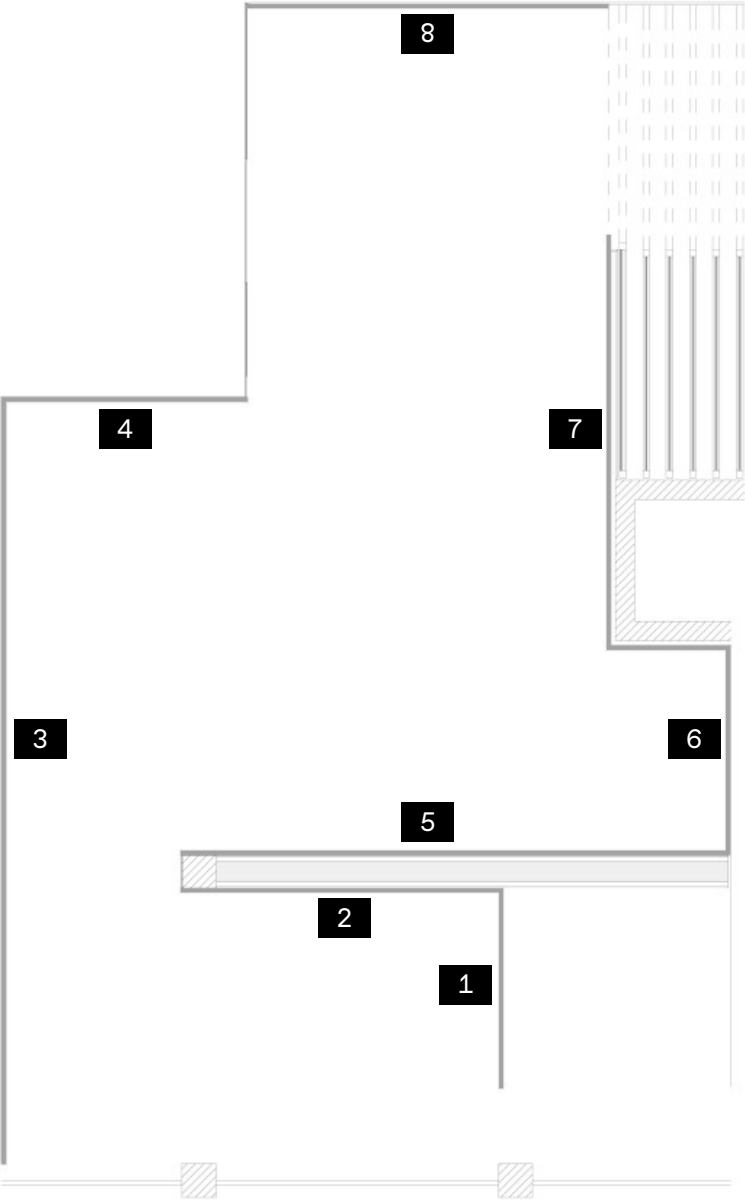
Do mesmo modo, em João Vasco Paiva importa o situar-se em, perante a técnica – o meio para o fim que usa o instrumento enquanto algo-para-algo segundo um sistema do saber –, por meio do dispor segundo outro compor do que pode vir a propor. A estratégia detém João Vasco Paiva diante de manuais que registam o saber; em a *Lei do Solo*, um manual de instrumentos agrícolas.

Em obras escultóricas, que evocam as ilustrações daquele manual, fica esclarecida a adopção de técnicas próprias do saber hidrodinâmico e aerodinâmico, tão estranhas a quão íntimas da tradição artística, na medida em que, em estrito senso, removem matéria – no caso, de um corpo pertencente ao quotidiano do artista enquanto instrumento para a deslocação sobre a água, que o remete para aqueles saberes.

No passado, o mesmo interesse já havia sido captado por ilustrações em manuais de equipamentos destinados ao ordenamento do espaço, em cidades ou vias de comunicação com que o ser-humano ocupa solos, e que João Vasco Paiva sintetizou em composições em aquarela sobre papel. Em continuidade, o mesmo sucede nas pinturas apresentadas em a *Lei do Solo*, que sinalizam aparelhos de amortecimento sísmico aplicados em edifícios.

Entre-tanto, a *Lei do Solo* mantém-se próxima dos instrumentos mais exordiais. Uma escultura moldada – prática escultórica regular no corpo de trabalho de João Vasco Paiva – é justaposta à lasca de uma simples pedra, de que é modelo. Não é imenso o salto até outras actividades e intervenções do ser-humano. Ou, por extensão, até outros instrumentos; por exemplo, os de que é proclamado poder desempenhar o mais próprio e exclusivo do ser-humano: situar-se no criar e pensar.

É, precisamente, o esclarecer-se da obra de arte que destaca o situar-se de João Vasco Paiva enquanto o alcançar da essência da arte. João Vasco Paiva não procura compreender a resposta; antes, compreender o problema.



1.

João Vasco Paiva*Seixo do Ribat da Atalaia, 2025*

Xisto e bronze

Dimensões variáveis

2.

João Vasco Paiva*Shock Transmission Unit, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão

66 × 102 cm

3.

João Vasco Paiva*Permafrost Methane System Tower, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão

100 × 70 cm

4.

João Vasco Paiva*Garganta, 2025*Espuma de poliuretano, stringer de tília,
resina de polyester, base de Sapele

12 × 100 × 12 cm

5.

João Vasco Paiva*Detail of the connection of the torsionally
yielding steel-damper at the base of the
stepping pier and the pile cap, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão

76 × 56 cm

6.

João Vasco Paiva*Aiveca, 2025*Espuma de poliuretano, resina de polyester,
base de Sapele

4 × 78 × 16 cm

7.

João Vasco Paiva*Rabiça, 2025*Espuma de poliuretano, stringer de tília,
resina de polyester, base de Sapele

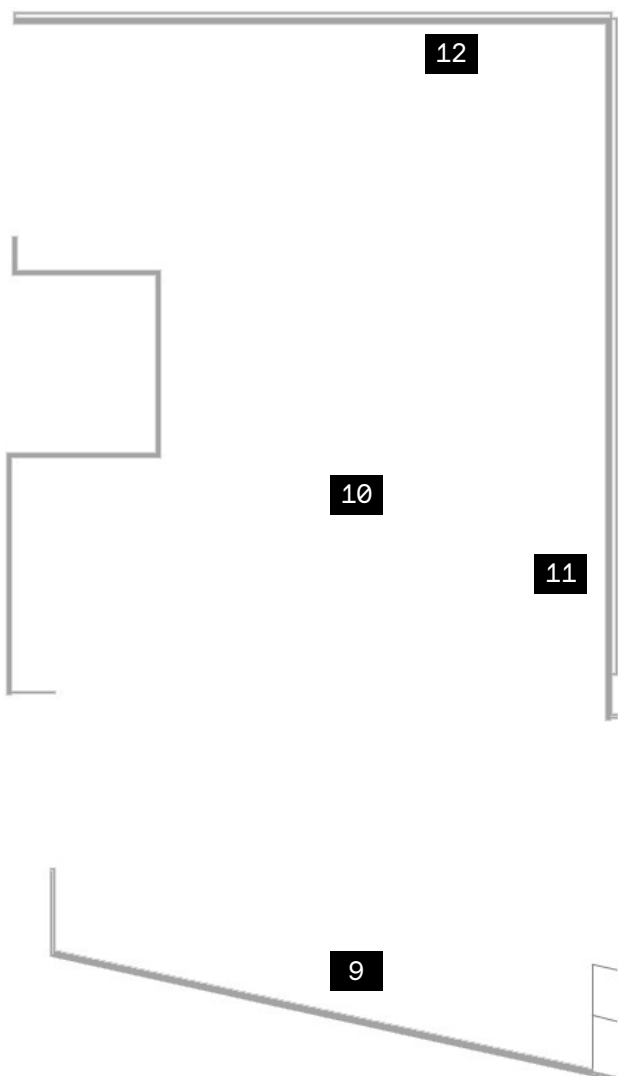
7 × 100 × 6 cm

8.

João Vasco Paiva*Anti Seismic Hysteretic Damper, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão

100 × 80 cm



9.

João Vasco Paiva

Sovino, 2025

Espuma de poliuretano, stringer de tília,
resina de polyester, base de Sapele
5 × 50 × 5 cm

10.

João Vasco Paiva

Trilho, 2025

Espuma de poliuretano, stringer de tília,
resina de polyester, base de Sapele
50 × 120 × 9 cm

11.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _A, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão
152 × 113 cm

12.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _B, 2025*

Aquarela sobre papel de algodão
152 × 113 cm

Lehmann

João Vasco Paiva Lei do Solo

29.03.2025

31.05.2025

[ES]

La galería Lehmann tiene el placer de presentar *Ley del Suelo*, la segunda exposición individual del artista João Vasco Paiva (1979, Coímbra, Portugal) en la galería.

El texto original de Ricardo Escarduçã, que acompaña la exposición, puede ayudar a comprender, en primer lugar y por encima de todo, la forma de trabajo de João Vasco Paiva y cómo este cuestiona la naturaleza y la materia con la que trabaja. Propone una aproximación a su obra a través del concepto de “sustracción”, entendido tanto como el acto de retirar algo para evitar lo evidente (“notoriedad semiótica”), como la exploración de lo desconocido (“auscultar” el potencial de la materia), uniendo ambos sentidos en una forma singular de relacionarse con el mundo, que lo aproxima y lo distancia simultáneamente, dejando siempre algo por descubrir.

Escarduçã señala, a propósito de *Ley del Suelo*, que el artista se centra en “instrumentos”, desde objetos naturales simples hasta creaciones humanas complejas, donde la sustracción se convierte en creación al abrir nuevos caminos a partir de lo que está oculto. Añade que el trabajo de João Vasco Paiva interroga la frontera entre lo natural y lo artificial, recordándonos la existencia de una “segunda naturaleza”, evocada por el poeta romano Lucrecio. Según Lucrecio, con la agricultura surgieron gestos como arar y sembrar, que se volvieron tan arraigados que parecen tan naturales como la propia naturaleza original del ser humano. De este modo, plantea una paradoja en torno a la pureza y la existencia de una naturaleza primigenia.

Como ejemplo de lo expuesto anteriormente, Escarduçã nos invita a adentrarnos en la exposición *Ley del Suelo* de João Vasco Paiva, donde el artista, a través de técnicas como la hidrodinámica y la aerodinámica, convierte manuales —ya sean de herramientas agrícolas, urbanas o antisísmicas— en esculturas, acuarelas y piezas que transitan de lo simple a lo complejo. Con ello, demuestra que crear es, ante todo, una forma de pensar los problemas, no de ofrecer respuestas. Y es precisamente en esa búsqueda donde reside la esencia de su arte.

La noción de sustracción, entendida en un doble sentido, ofrece una vía de acceso al trabajo de João Vasco Paiva. Por un lado, sustraer implica eliminar o recortar, lo que define un modo de creación que prescinde de la carga semiótica asociada a los referentes contemporáneos, aquellos que ya poseen un significado establecido. Por otro, sustraer es también explorar o auscultar, un acto que revela un modo de comprensión centrado en el potencial latente de los referentes aún no plenamente definidos, situados en una temporalidad no actual.

Es importante señalar que esta sustracción no se presenta como una contradicción, sino como una conjunción: une ambos aspectos sin separarlos. Así, en la obra de Paiva, la sustracción revela una forma singular de relación con el entorno, un “estar-con” que se integra en redes de interacción mutua, al tiempo que mantiene una distancia que preserva su carácter potencial.

El trabajo de João Vasco Paiva se vincula a la exposición *Ley del Suelo* por su interés sostenido en los instrumentos como categoría de análisis, un interés que se despliega a través de variaciones continuas. El instrumento, en este contexto, abarca tanto la simplicidad de lo que existe en estado natural como la complejidad de lo fabricado. Esta amplitud implica que el instrumento no tiene un valor intrínseco; su esencia radica en su utilidad, en ser “algo para algo”, un medio que facilita el uso y la acción. En Paiva, sustraer no es solo eliminación, sino también creación: al rechazar lo inmediato y habitual, abre paso a lo inexplorado, a significados por descifrar desde una perspectiva renovada.

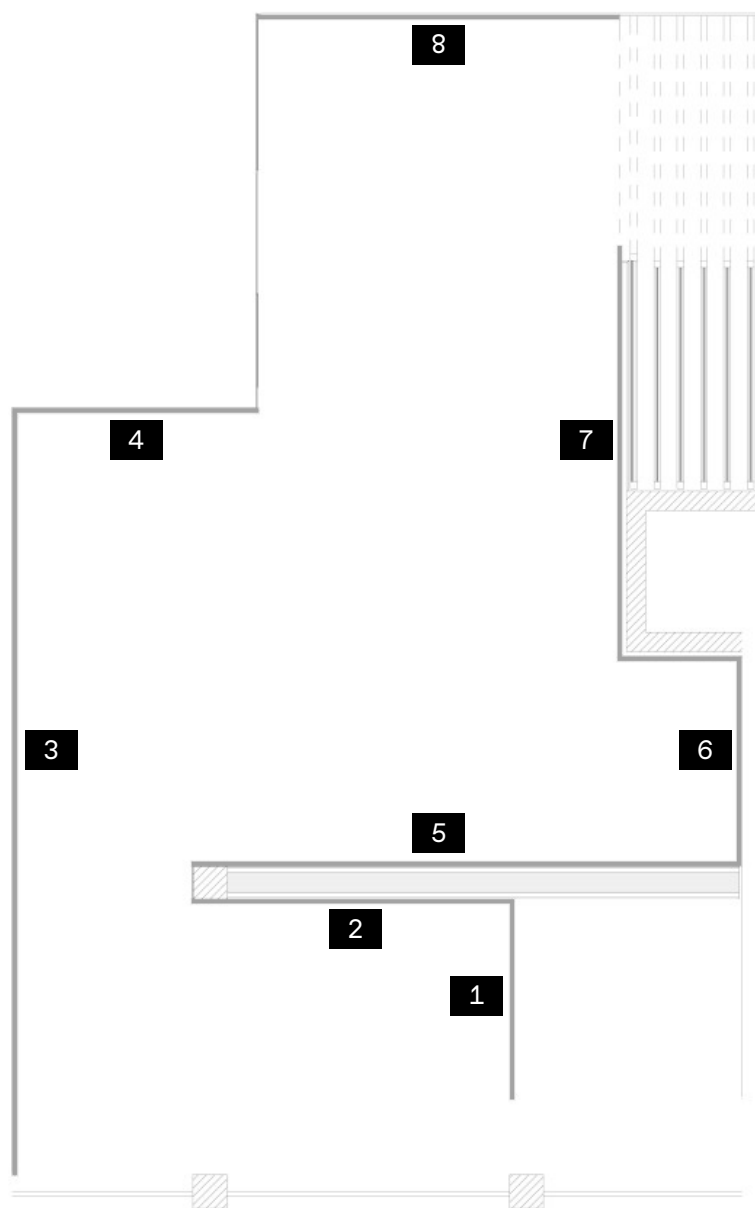
Esta creación, a su vez, se configura como una situación, un posicionamiento frente a un problema. Crear, en este sentido, es interrogar lo ya cuestionado, un ejercicio reflexivo que piensa sobre sí mismo. En la obra de Paiva emergen tensiones fundamentales: entre lo natural y lo artificial, entre naturaleza y tecnología, entre naturaleza y cultura. Un ejemplo histórico ilustra esta dinámica: cuando el ser humano levantó una cerca para proteger una caverna, marcó el inicio de una intervención deliberada en su entorno, un acto que mezcla el instinto natural con los primeros pasos hacia lo artificial.

Este paradoxo se intensifica con la idea de una “segunda naturaleza”, término que Lucrecio explora en *De rerum natura* al referirse a las técnicas agrícolas —arar, sembrar, irrigar, cosechar— como transformaciones deliberadas del suelo. Al nombrar esta segunda naturaleza, se presupone una primera, pura e intacta. Surge entonces una pregunta inescapable: ¿nombrarla altera su pureza? ¿O, al no hacerlo, queda inaccesible y, por ende, inexistente? Esta especulación pone en evidencia las fisuras inherentes a todo sistema de conocimiento, como la lingüística, donde la palabra misma actúa como instrumento y revela tanto sus límites como sus posibilidades.

En Paiva, posicionarse frente a la técnica —el medio que emplea instrumentos dentro de un sistema de saber— implica proponer una reorganización de lo establecido. En *Ley del Suelo*, esta postura se materializa mediante un manual de instrumentos agrícolas, cuyas ilustraciones inspiran obras escultóricas. Estas piezas incorporan técnicas de la hidrodinámica y la aerodinámica, ajenas y a la vez próximas a la tradición artística, al sustraer materia de objetos cotidianos —como un instrumento de desplazamiento acuático— que conectan al artista con dichos saberes.

Este interés por los instrumentos también se refleja en trabajos previos, como acuarelas basadas en manuales de equipos para ordenar el espacio urbano o vías de comunicación, y en pinturas de *Ley del Suelo* que representan dispositivos de amortiguación sísmica en edificaciones. Asimismo, una escultura moldeada, práctica recurrente en Paiva, se juxtapone a una piedra simple, su modelo original, subrayando la continuidad entre lo elemental y las intervenciones humanas.

La obra de João Vasco Paiva no busca resolver estas tensiones, sino comprender el problema que las sostiene. En este sentido, su trabajo trasciende la búsqueda de respuestas y se centra en la esencia del acto creativo y reflexivo, iluminando así la naturaleza misma del arte.



1.

João Vasco Paiva*Seixo do Ribat da Atalaia, 2025*

Pizarra y bronce

Dimensiones variables

2.

João Vasco Paiva*Shock Transmission Unit, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón

66 × 102 cm

3.

João Vasco Paiva*Permafrost Methane System Tower, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón

100 × 70 cm

4.

João Vasco Paiva*Garganta, 2025*Espuma de poliuretano, varilla de tilo, resina
de poliéster, base de madera de sapelly

12 × 100 × 12 cm

5.

João Vasco Paiva*Detail of the connection of the torsionally
yielding steel-damper at the base of the
stepping pier and the pile cap, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón

76 × 56 cm

6.

João Vasco Paiva*Aiveca, 2025*Espuma de poliuretano, resina de poliéster,
base de madera de sapelly

4 × 78 × 16 cm

7.

João Vasco Paiva*Rabiça, 2025*Espuma de poliuretano, varilla de tilo, resina
de poliéster, base de madera de sapelly

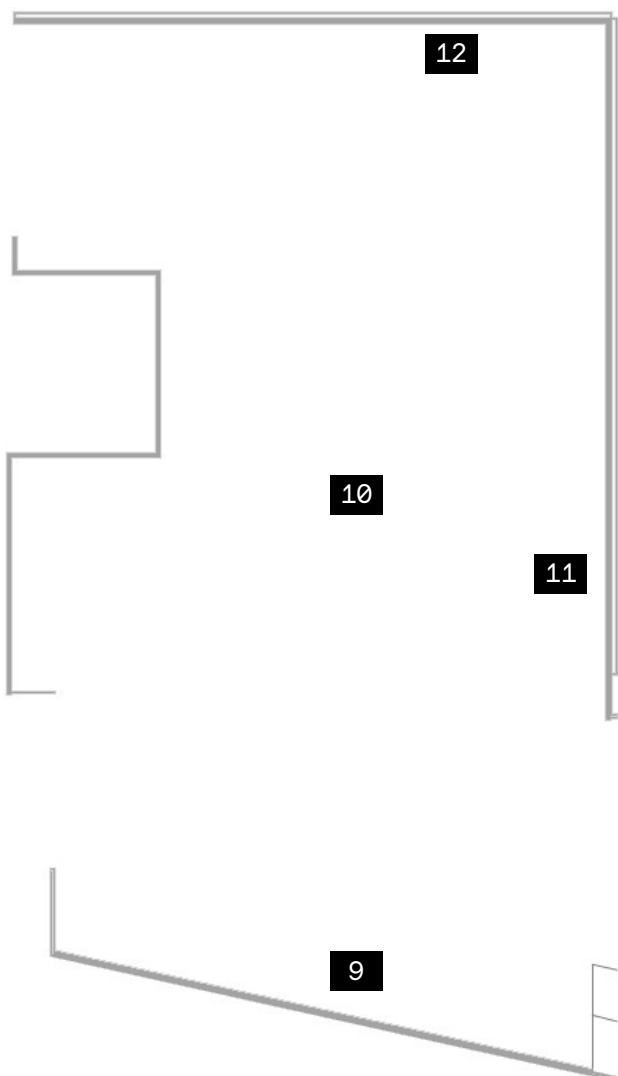
7 × 100 × 6 cm

8.

João Vasco Paiva*Anti Seismic Hysteretic Damper, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón

100 × 80 cm



9.

João Vasco Paiva

Sovino, 2025

Espuma de poliuretano, varilla de tilo, resina
de poliéster, base de madera de sapelly
5 × 50 × 5 cm

10.

João Vasco Paiva

Trilho, 2025

Espuma de poliuretano, varilla de tilo, resina
de poliéster, base de madera de sapelly
50 × 120 × 9 cm

11.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _A, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón
152 × 113 cm

12.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _B, 2025*

Acuarela sobre papel de algodón
152 × 113 cm

Lehmann

João Vasco Paiva Lei do Solo

29.03.2025

31.05.2025

[EN]

Lehmann gallery is pleased to present *Law of the Land*, the second solo exhibition by artist João Vasco Paiva (1979, Coimbra, Portugal) at the gallery.

The original text by Ricardo Escarduçã, which accompanies the exhibition, offers valuable insight—above all—into João Vasco Paiva’s working methods and the ways in which he interrogates the nature and materiality of his practice. Escarduçã proposes an approach to the artist’s work through the concept of “subtraction,” understood both as the act of removing elements to avoid the obvious (“semi-otic notoriety”) and as an exploration of the unknown (“auscultating” the potential of matter). These two dimensions converge in a singular way of relating to the world—one that simultaneously draws the artist closer to, and distances him from, his surroundings, always leaving something yet to be discovered.

Regarding *Law of the Land*, Escarduçã observes that the artist focuses on “instruments”—ranging from simple natural objects to complex human-made creations—where subtraction becomes a mode of creation by opening new paths through what is hidden. He further notes that João Vasco Paiva’s work questions the boundary between the natural and the artificial, reminding us of the existence of a “second nature,” as evoked by the Roman poet Lucretius. According to Lucretius, agriculture gave rise to gestures such as plowing and sowing, which became so deeply ingrained that they now appear as natural as humanity’s original, innate nature. In this way, a paradox emerges concerning the notion of purity and the existence of a primordial nature.

As an illustration of the above, Escarduçã invites us to delve into *Law of the Land*, where João Vasco Paiva, employing techniques such as hydrodynamics and aerodynamics, transforms manuals—whether for agricultural, urban, or anti-seismic tools—into sculptures, watercolors, and pieces that evolve from the simple to the complex. Through this process, he demonstrates that creation is, above all, a means of thinking through problems, not offering solutions. And it is precisely in this ongoing inquiry that the essence of his art resides.

The double meaning of the idea of subtraction provides a way of approaching João Vasco Paiva's body of work.

On the one hand, subtracting involves cutting something away, and it provides a way of doing things that dispenses with the semiotic awareness consigned to the present day, in which the referents thrive in being what they already are. On the other hand, subtracting is a way of taking something away that listens, examines and expresses a way of understanding that probes into the potential meaning kept safe in another time in which the referents show that they are what they have not yet become.

It is important to note that, if we accept both of these propositions, subtraction is not contradictory, insofar as it is conjunctive and not disjunctive. In other words, subtraction reveals the singularity of João Vasco Paiva's way of being-with as a hub for the dissemination of mutual relations that not only does its best to belong and never operates in isolation but can also keep a distance and is always held in reserve as a possibility.

If João Vasco Paiva's body of work is called into play here as an approach to the *Law of the Land* exhibition, this is because of its persistent interest, further heightened by the continuous variations of which it is composed, in the category of things that are designated as an instrument, on which it focuses as a referent. An understanding of the instrument encompasses the rudimentary nature of what exists and the sophistication of what is manufactured.

The extent of this gap implies that the instrument is not, in fact, an instrument in itself; the being-instrument includes the something-for-something, the being-for of its utility and applicability, in which something comes to hand and gives itself up for use. In João Vasco Paiva's work, when faced with the simple stone or the complex machine, all the subtraction that takes something away is creation, since it avoids the immediate and customary practice of giving and, from the hidden and abnormal condition of the foundation contained within it, is sent to an unexplored territory for deciphering.

In turn, all creation is situation, since it is situated at the heart of the problem. In another way, creating is questioning the questioned, which thinks of a to-be-thought-of. In João Vasco Paiva, there is a tenuous frontier, a colossal divide, in the relationship between the natural and the artificial, between nature and technology, between nature and culture. At a certain moment, the human being has erected a fence that has protected the entry to a cave. It would not be remiss to inscribe this event in the inaugural sphere of interferences on the environment of which it is part.

The insoluble paradox is clearly demonstrated: the action not only proceeds from the natural instinct, but also precedes the artificial complex. If someone else did not do so beforehand, Lucretius was the one who placed himself there, in the problem, when, in *De rerum natura* (*On the Nature of Things*), he declared the *alteram naturam*, a second nature, consistent with the deliberate intervention on the land through agricultural techniques – ploughing, sowing, irrigating, harvesting – and, through this declaration of a second nature, implying the expression of a first nature, raw and immaculate.

Here, the problem becomes increasingly complex, being situated at an inseparable crossroads. Does the mere saying of something fact revoke the condition of its purity? However, if it is not said, and even less accessed, does it even exist? Albeit brief, the dual profile of this speculation seeks to stress that all knowledge – all the systems that are codified and regulated by laws that organise things, such as linguistics, in which the word participates as an instrument – contains cracks of instability and, therein, reserves of generosity.

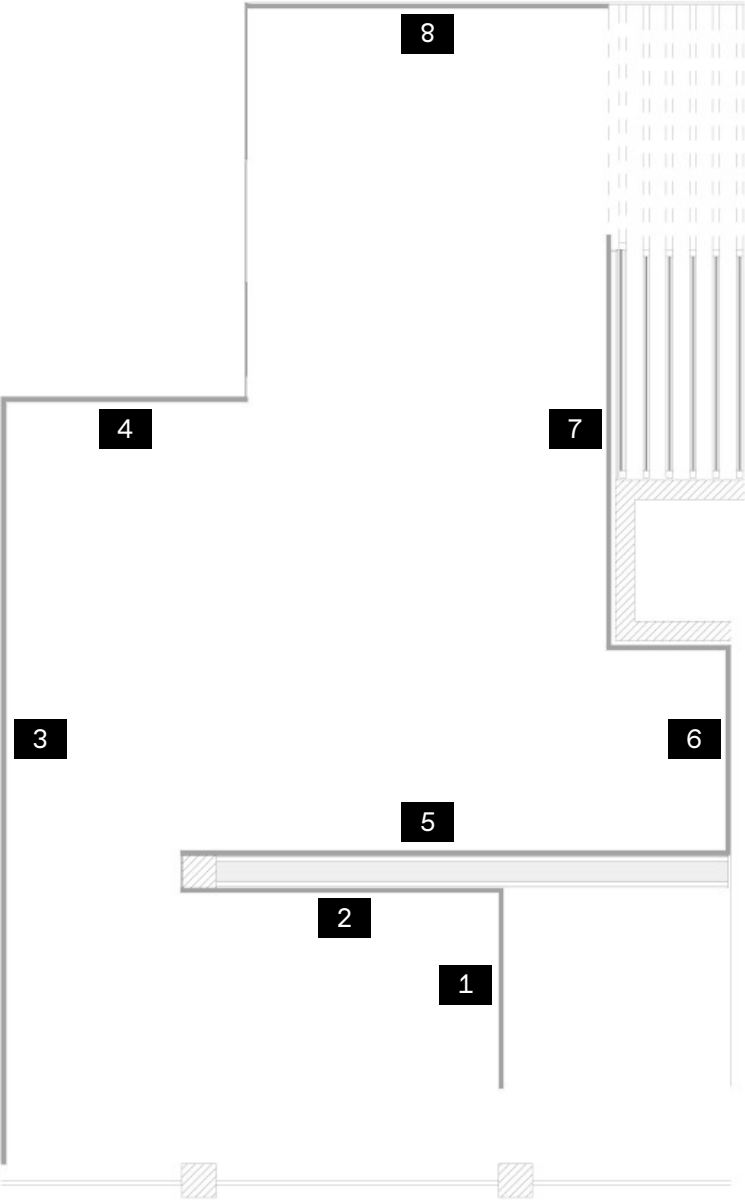
In the same way, in João Vasco Paiva, the important thing is to place oneself in, to situate oneself before technique – the means to the end that uses the instrument as something-for-something according to a system of knowledge – by disposing through another composition of what may come to be proposed. This strategy causes João Vasco Paiva to be detained in front of manuals that register knowledge; in *Law of the Land*, it is a manual of agricultural instruments.

In sculptural works that evoke the illustrations of that manual, the adoption of techniques from the field of hydrodynamic and aerodynamic knowledge is made clear. These techniques are as alien as they are closely linked to the artistic tradition, insofar as, strictly speaking, they remove material – in this case, from a body belonging to the artist's everyday life as an instrument for movement over water, which directs his attention to those areas of knowledge.

In the past, the same interest had already been captured through illustrations in manuals of equipment to be used in spatial planning, in cities or along transport routes, with which the human being uses the land, and which João Vasco Paiva synthesised in water colour on paper. In continuation, the same happens in the paintings presented at the *Law of the Land* exhibition, which represent seismic cushioning equipment used in buildings.

Meanwhile, the *Law of the Land* remains close to the more introductory instruments. A moulded sculpture – a regular sculptural practice in João Vasco Paiva's body of work – is juxtaposed next to the sliver of rock, of which it is the model. The leap to other activities and interventions of the human being is not a huge one. Or, by extension, to other instruments; for example, those that it is claimed can fulfil the most personal and exclusive requirements of the human being: situating oneself in creation and thinking.

It is precisely this clarification of the work of art that highlights João Vasco Paiva's situating himself as his way of attaining the essence of art. João Vasco Paiva does not seek to understand the answer; instead, he seeks to understand the problem.



1.

João Vasco Paiva*Seixo do Ribat da Atalaia, 2025*

Shale and bronze

Variable size

2.

João Vasco Paiva*Shock Transmission Unit, 2025*

Watercolour on cotton paper

66 × 102 cm

3.

João Vasco Paiva*Permafrost Methane System Tower, 2025*

Watercolour on cotton paper

100 × 70 cm

4.

João Vasco Paiva*Garganta, 2025*Polyurethane foam, linden stringer,
polyester resin, Sapele base

12 × 100 × 12 cm

5.

João Vasco Paiva*Detail of the connection of the torsionally
yielding steel-damper at the base of the
stepping pier and the pile cap, 2025*

Watercolour on cotton paper

76 × 56 cm

6.

João Vasco Paiva*Aiveca, 2025*Polyurethane foam, polyester resin,
Sapele base

4 × 78 × 16 cm

7.

João Vasco Paiva*Rabiça, 2025*Polyurethane foam, linden stringer,
polyester resin, Sapele base

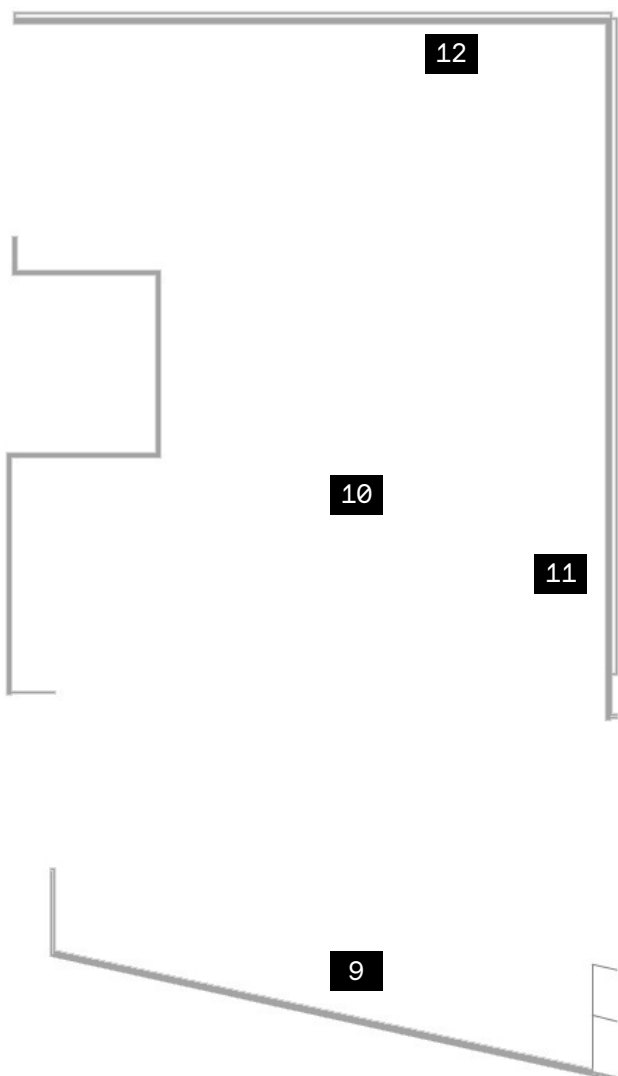
7 × 100 × 6 cm

8.

João Vasco Paiva*Anti Seismic Hysteric Damper, 2025*

Watercolour on cotton paper

100 × 80 cm



9.

João Vasco Paiva

Sovino, 2025

Polyurethane foam, linden stringer,
polyester resin, Sapele base
5 × 50 × 5 cm

10.

João Vasco Paiva

Trilho, 2025

Polyurethane foam, linden stringer,
polyester resin, Sapele base
50 × 120 × 9 cm

11.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _A, 2025*

Watercolour on cotton paper
152 × 113 cm

12.

João Vasco Paiva

*Typical Existing Equipment Arrangment for 3
Nos. Contactor Inside Street Lighting Control
Panel _B, 2025*

Watercolour on cotton paper
152 × 113 cm